

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

YAMINI FRANCIS TORRES

**COMPARATIVO DO EQUILÍBRIO ENTRE CRIANÇAS SURDAS E
OUVINTES.**

VOLTA REDONDA

2017

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**COMPARATIVO DO EQUILÍBRIO ENTRE CRIANÇAS SURDAS E
OUVINTES.**

Artigo apresentado ao curso de Educação Física do UniFOA como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Aluna: Yamini Francis Torres

Orientadora: Prof^aMa. Andréa Oliveira
Almeida

VOLTA REDONDA

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aluna: Yamini Francis Torres

Título do artigo: COMPARATIVO DO EQUILÍBRIO ENTRE CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES.

Orientadora: Prof^aMa. Andréa Oliveira Almeida

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Andréa Oliveira Almeida

Prof. Me. Thais Vinciprova Chiesse de Andrade

Prof. Dr. Igor Dutra Braz

RESUMO

A habilidade de se manter em equilíbrio é uma condição para executar diversas atividades do cotidiano. Para a coordenação do equilíbrio, recebemos informações quanto a posição da cabeça e do corpo no ambiente, essas informações vem do sistema visual, somatossensorial e vestibular. Alguns indivíduos surdos podem ter o processo de aprendizagem das habilidades motoras afetados por déficits de equilíbrio. Este artigo trata do desenvolvimento do equilíbrio de crianças surdas, tendo como objetivo comparar o equilíbrio entre alunos surdos e ouvintes, destacando os pontos em que mais se diferem um dos outros. O presente trabalho foi dividido em tópicos sendo eles: O ouvido e suas funções, Deficiência auditiva / surdez, apresentação da análise feita após a leitura dos artigos, além das considerações finais. Após a leitura de alguns artigos, ficou claro que os professores precisam buscar o conhecimento acerca de LIBRAS para poderem ter êxito nas aulas com seus alunos surdos, mesmo com a lei que entrou em vigor em 2005 para as licenciaturas muitos professores não sabem ou tem pouco conhecimento sobre essa língua.

Palavras-chave: Educação física, equilíbrio, aluno com surdez

ABSTRACT

The condition to perform kind of daily activities is the ability to keep in equilibrium. In order to coordination the poise, we received informations as the position of head and about the body in the environment, this informations come form the visual system, somatosensory and vestibular system. Some deaf individuals would have the process learning motor abilities affected by deficits of poise. This article deal with the development of deaf children equilibrium, objectifying compare the balance between deaf students and listeners, highlighting the points that they differ from each other. The present function were divided in topics being them: The ear and its function, Hearing deficiency/deafness, presentation of the analysis done after the reading articles, besides the final considerations. Remain clearly that the teachers need fetch knowledge about LIBRAS to succeed in the classes with deaf students, even with the law that came into force in 2005 for undergraduates many teachers do not know or have little knowledge about that language.

Keywords

Physical education, balance, student with deafness

| | |
|---|----|
| Conteúdo | |
| INTRODUÇÃO | 8 |
| METODOLOGIA..... | 10 |
| O OUVIDO E SUAS FUNÇÕES | 11 |
| EQUILÍBRIO..... | 13 |
| DEFICIENTE AUDITIVO/SURDO..... | 14 |
| ANÁLISE DAS COMPARAÇÕES | 16 |
| Exercícios para equilíbrio na Educação Física escolar | 21 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 22 |
| REFERÊNCIAS..... | 23 |

INTRODUÇÃO

É por meio do movimento que a criança começa a realizar ações no mundo. Para chegar nesse ponto de realização, ela faz uso de suas capacidades motoras, intelectuais e afetivas, criando uma conexão com o mundo, que é condizente com tudo o que se acumulou ao longo da vida, as experiências construídas no meio em que vive, seguindo regras e se desenvolvendo com estímulos e limitações, isso fará com que ela se torne um ser humano único. (BUENO, 2013)

Essa interação com o mundo, no entanto, para uma criança surda, não é tão simples, pois ela vive em uma sociedade em que a maior parte da comunidade linguística não fala a sua língua, LIBRAS. Além disso, a maioria das crianças surdas são apresentadas à LIBRAS numa fase já avançada da vida, e ainda, 95% dos pais são ouvintes que não dominam suficientemente a Língua de Sinais, gerando, assim, nessa criança, problemas sociais, emocionais e cognitivos como consequência (GOLDFELD, 2002).

O censo escolar de 2010 diz que 30% dos alunos surdos estavam matriculados em escolas regulares (IBGE, 2010). Com esses dados de 7 anos atrás, podemos ter uma noção de como essa comunidade está crescendo e fazendo parte das escolas comuns, tendo direito de receber um ensino de qualidade, assim como os alunos ouvintes.

Durante os anos na faculdade, não tive nenhuma matéria que aprofundasse a temática de aula para pessoas com deficiência, e isso me deixava insegura de estar na escola e não saber lidar com alunos especiais por falta de base e preparo.

Despertou-me o interesse para o assunto quando comecei a ter aulas de LIBRAS: como seria uma aula de educação física para alunos surdos? Como seria o contato com as entre crianças surdas e ouvintes? Será que a falta de integração professor-aluno e aluno surdo-aluno ouvinte irá interferir no desenvolvimento das aulas?

Sendo assim, essa pesquisa trata especificamente do desenvolvimento do equilíbrio de crianças surdas, tendo como objetivo comparar o equilíbrio entre

alunos surdos e ouvintes, destacando os pontos em que mais se diferem um dos outros.

Assim, o estudo se justifica pela escassez de trabalhos desenvolvidos neste campo da inclusão, e pela busca em demonstrar como os profissionais de educação física podem, por meio de testes de controle corporal, ajudar o aluno a desenvolver ou por em prática uma habilidade que é afetada pela perda da audição.

Definido o escopo do trabalho, ou sua questão-problema, esta desencadeia outras, quais sejam: o professor de educação física está preparado para receber alunos surdos em sua turma?

Foram feitas pesquisas sobre a diferença entre o equilíbrio das crianças surdas e ouvintes, nas quais se obteve dificuldade em encontrar materiais em português; a maior parte das pesquisas realizadas são artigos científicos, e são neles que se baseia este trabalho, no sentido de averiguar se há uma desigualdade muito excessiva no equilíbrio entre as crianças surdas e as crianças ouvintes, e quais testes de controle corporal e exercícios podemos priorizar para que tenham maior controle sobre seu corpo.

Devido à falta de literatura que aborde essa temática, desejamos que este trabalho sirva de base para outros estudos e desperte o interesse de outros profissionais da área de educação física, para que, no futuro, os professores estejam qualificados para receber alunos deficientes auditivos nas aulas, sem excluí-los do processo de aprendizagem nem do auxílio e orientação pretendidos pelos profissionais da nossa área.

O presente trabalho foi dividido em tópicos, sendo eles: O ouvido e suas funções; deficiência auditiva/surdez; apresentação da análise feita após a leitura dos artigos e considerações finais.

METODOLOGIA

O presente trabalho é um estudo de revisão bibliográfica a respeito dos alunos surdos na aula de Educação Física. Tem caráter descritivo-exploratório, e a revisão foi feita a partir de artigos referentes ao assunto em questão. Para a realização desta, foram feitas buscas em sites acadêmicos como SciELO (Scientific Electronic Library Online), ORG Inclusão e cidadania, Google Acadêmico, e foram encontrados 21 artigos na busca feita com as palavras-chave surdez; educação física escolar e equilíbrio. Desses, descartamos os que tratavam apenas de coordenação motora e não tinham como objetivo falar sobre o equilíbrio e fazer uma análise comparativa entre as crianças surdas e ouvintes. Restaram então 11 artigos, e a parte sobre anatomia foi retirada do livro Dângelo&Fattini do acervo da biblioteca do UniFOA.

O OUVIDO E SUAS FUNÇÕES

Nesse capítulo, abordaremos as funções do ouvido, pois esse trabalho faz referência ao indivíduo surdo. O autor Northern (1989) diz que a tendência em ouvir é uma ação secundária, pois o comprometimento maior do órgão auditivo é o suporte do equilíbrio.

A sustentação do equilíbrio é consequência da completude anatômica e funcional do aparelho vestibular, assim como da correspondência entre os sistemas visual, proprioceptivo, musculoesquelético e centros nervosos.

Mor (2001) afirma que o aparelho vestibular que se situa na orelha interna, é incumbido por detectar o posicionamento da cabeça em todos e quaisquer movimentos a todo tempo. Quando este aparelho manifesta qualquer anormalidade, o equilíbrio humano pode ser comprometido.

Alguns estudos têm apontado que para a maiorias das pessoas, a surdez é acompanhada de prejuízo no funcionamento do sistema vestibular.

A cóclea e os órgãos vestibulares são anatomicamente e filogeneticamente muito relacionados, o que expõe um risco potencial de ocorrência de déficits vestibulares na presença de perda auditiva (Kagaetal., 2008; Nandi&Luxon, 2008).

Para Borges (1991), equilíbrio é a “capacidade para assumir e sustentar qualquer posição do corpo contra a lei da gravidade” (pág.24).

O mesmo autor ainda afirma: “A parte auditiva situa-se no giro temporal transversal anterior. Os traumatismos nessa área podem ser bilaterais onde a surdez é total, e unilateral não causando danos mais severos a audição” (Borges, 1991, pág. 94).

Na audição, também temos os nervos cranianos que são os responsáveis por levar e trazer impulsos para o cérebro, o nervos vestibulococleares, que é exclusivamente sensitivo, é composto por duas partes: a porção coclear que é ligada a manifestações da audição e a porção vestibular que trata do equilíbrio (Borges, 1991).

Durante os estudos evolutivos, a função do equilíbrio antecedeu a da audição, e os órgãos encarregados dessas funções terminaram ocupando o mesmo lugar, o labirinto da orelha interna. Por isso, equilíbrio e audição são estudados

simultaneamente. No relato de DÂNGELO & FATTINI, não se trata somente de órgãos capacitados para compreender os estímulos sonoros, mas igualmente de órgãos que têm seu estímulo provocado por mudanças de posição da cabeça no ambiente, que nomeamos de órgão estato-acústico, ou órgão vestibular. Contudo, o ouvido compõe-se de três partes: orelha externa, média e interna. Faz-se necessário, neste trabalho, definir essas três partes.

Orelha externa é a orelha que nós conseguimos enxergar, chamada de pavilhão ou aurícula. A captação do som feita por ela é levada pelo meato acústico externo para chegar à membrana do tímpano.

A orelha média, separada da orelha externa pela membrana do tímpano, é um pequeno espaço preenchido por ar. Dentro dessa cavidade, há três ossículos: martelo, bigorna e estribo. A principal função da orelha média é transmitir o som da membrana do tímpano para a orelha interna; ela tem ligação com a faringe, e, assim, possibilita que a pressão do ar nas faces da membrana do tímpano seja a mesma, requisito fundamental para o bom funcionamento da audição.

A orelha interna, por sua estranha forma, é chamada de labirinto, e este é dividido em dois: um ósseo e um membranoso, que fica instalado no primeiro. A cóclea é a responsável pela audição e está no labirinto ósseo. No segundo labirinto, encontramos os vestíbulos e canais semicirculares, que estão ligados ao equilíbrio. E o equilíbrio, por sua vez, está ligado à orelha interna. A noção de equilíbrio se dá pelo movimento de cristais no interior dos canais semicirculares do sistema vestibular. Anexo à cóclea, as células ciliadas assimilam esses movimentos, e conduzem, por impulsos nervosos que passam pelo nervo craniano, as vibrações até o córtex cerebral, fazendo o processamento da informação recebida.

A orientação postural, ou seja, o equilíbrio do corpo, está relacionado e incorporado aos impulsos recebidos pela visão, fazendo com que esses órgãos, trabalhando juntos, consigam manter o equilíbrio perfeito (DÂNGELO, FATTINI, 2007).

EQUILÍBRIO

A manutenção do equilíbrio decorre da completude anatômica e funcional do aparelho vestibular, como da ligação entre os sistemas visual, proprioceptivo, musculoesquelético e centros nervosos.

O equilíbrio postural produz estabilidade e movimento e pode ser definido de três formas:

- Equilíbrio estático: é a habilidade para sustentar seu corpo em qualquer posição contra a força da gravidade (ficar parado, isometria);
- Equilíbrio dinâmico: é quando o corpo está em movimento uniforme (andar);
 - Equilíbrio recuperado: quando um indivíduo recupera seu equilíbrio a partir de uma posição qualquer (uma cortada no voleibol) Como foi citado acima, o aparelho vestibular, que se situa na orelha interna, é o responsável por detectar a posição da cabeça no ambiente. Na ocasião em que o aparelho vestibular manifesta algum tipo de alteração, o equilíbrio humano pode ser alterado, que é o que ocorre com pessoas que tem perda auditiva.

A cóclea e o aparelho vestibular ocupam o mesmo espaço, eles são sujeitos aos mesmos agentes nocivos, e presume-se, inclusive, que muitas crianças surdas têm problemas vestibulares apresentados simultaneamente com a perda auditiva.

Essa desordem vestibular é capaz de afetar a aprendizagem das habilidades motoras ou interferir na integração sensorial.

A atividade corporal do surdo se adapta às informações emitidas pelos órgãos dos sentidos e, se corretamente explorada, possibilita regular o equilíbrio aos padrões de normalidade. Através de práticas fundadas em exercícios que abordem o equilíbrio corporal, os surdos podem aprimorar técnicas posturais para superar ou igualar as prováveis dificuldades em se equilibrar.

Levando em conta o conjunto de fatores que afetam o equilíbrio do surdo, o desenvolvimento dessa habilidade deveria ser trabalhado durante a pré-escola, visando uma atenção maior ao seu desenvolvimento, pois buscando sempre a melhoria e a progressão dos exercícios capazes de melhorar essa habilidade, na inexistência de outros problemas, nada impede que o desenvolvimento dessa criança seja normal. (AZEVEDO, M. G e SAMELLI, A. G. 2009)

DEFICIENTE AUDITIVO/SURDO

Dentre os deficientes de natureza sensorial, encontram-se os surdos, que se caracterizam por perda total ou parcial da audição, podendo não perceber mais sinais sonoros. Quanto ao grau dessa perda auditiva, podemos classificar, segundo (Giuseppe, 1997), dentro de uma tabela:

| | |
|--|---|
| NORMAL (0 A 25 dBNA) | A audição normal permite que ouçamos todos os sons da fala |
| LEVE (26 A 40 dBNA) | A pessoa ouve os sons das vogais e muitas das consoantes como o f, s, p, t, k podem estar inaudíveis, assim como o tique-taque do relógio. |
| MODERADO E MODERADAMENTE SEVERO (41 A 70 dBNA) | Quase nenhum som da fala pode ser percebido em nível de voz natural. Apenas sons fortes. A comunicação com o mundo torna-se bastante limitada. |
| SEVERA (71 A 90 dBNA) | Nenhum som de fala é audível em nível de conversação natural. Poucos sons podem ser entendidos, como latidos de cachorro, sons graves de piano ou o toque do telefone em volume máximo. |

| | |
|----------------------|--|
| PROFUNDA (> 91 dBNA) | nenhum som é entendido. Se a alteração auditiva ocorrer desde o nascimento, a aquisição da fala e da linguagem pode ser atrasada ou não acontecer. Sons como o da serra elétrica, motocicletas e helicópteros podem se captados. São candidatos ao uso de implante coclear |
|----------------------|--|

Há uma diferença entre ser surdo e ser deficiente auditivo. Essa diferença vai além da classificação da perda auditiva. Os surdos fazem parte de uma comunidade surda e possuem uma cultura, o que chamam de “cultura surda”. Ele se comunica principalmente pela Língua de Sinais, enquanto o deficiente auditivo geralmente usa uma prótese auditiva, comumente conhecida como “aparelho auditivo”, e não faz uso específico da Língua de Sinais para se comunicar, esse indivíduo tem mais facilidade com a leitura labial e alguns são oralizados(Giuseppe, 1997).

ANÁLISE DAS COMPARAÇÕES

Apresentaremos aqui as análises feitas após a leitura dos artigos. No primeiro artigo sobre a comparação do equilíbrio entre surdos e ouvintes, escrito por Marcello Gonçalves e Alessandra Gianella Samelli (2009), “Estudo comparativo do equilíbrio de crianças surdas e ouvintes”, o estudo foi feito com 8 crianças surdas, dos dois sexos, com idades entre 09 e 12 anos. O grupo de ouvintes foi formado por 18 crianças, de ambos os sexos, também com idades entre 09 e 12 anos. Os testes duraram dois dias e foram utilizados os seguintes métodos para avaliar o equilíbrio estático, dinâmico e recuperado:

- Teste passeio na trave: usado para testar o equilíbrio dinâmico; a criança tem que caminhar sobre a trave para frente, de costas, e andar lateralmente. A trave tem 5 metros de comprimento e 6 centímetros de largura, e fica a 5 centímetros do chão.
- Teste do quatro: serve para avaliar o equilíbrio estático; a criança fica em pé, apoiado somente em uma das pernas e com a outra perna abduzida, joelho semi-flexionado e planta do pé apoiada na altura do joelho. Ela deve permanecer nessa posição por 10 segundos, e logo após inverte-se as pernas.
- Teste para avaliar o equilíbrio recuperado: com os pés unidos e braços estendidos ao longo do tronco, a criança deverá saltar, fazendo um giro de 180°; durante a fase aérea, os braços ficam estendidos acima da cabeça e voltam à posição inicial no momento da chegada ao solo.

Os três testes foram analisados pelos mesmos critérios: primeiro, o equilíbrio estável, quando o indivíduo conseguiu realizar a prova com sucesso, mantendo o equilíbrio durante todo o percurso (passeio na trave), durante todo o tempo (teste do quatro) ou na chegada ao solo (giro de 180°); depois, o equilíbrio instável recuperado: quando o indivíduo se desequilibrou por um instante e recuperou o equilíbrio, sem colocar o(s) pé(s) no solo; e por fim, equilíbrio instável com queda: quando o indivíduo se desequilibrou, colocou o(s) pé(s) no solo, e depois voltou ao equilíbrio, continuando o teste; quando o indivíduo não conseguiu manter o equilíbrio, tendo que colocar, a todo o momento, o(s) pé(s) no solo, não executando o teste durante o percurso ou não tendo o tempo necessário para realizá-lo, foi dado como não realizado.

Os resultados mostraram que não houve diferenças estatisticamente significantes entre as faixas etárias e os dois grupos.

Já no que se refere ao equilíbrio estático, tanto na fase da direita como na da esquerda, existiu diferença significativa entre os dois grupos, sendo que a execução do grupo dos ouvintes foi melhor quando se compara com o grupo dos surdos.

As conclusões para os testes de equilíbrio dinâmico apontaram que o grupo de ouvintes mostrou melhores resultados em todas as fases da prova. Nas fases em que as crianças tinham que andar para frente e lateralmente para a direita, a diferença foi insignificante. Como os outros testes, o equilíbrio recuperado mostrou uma realização melhor dos ouvintes sobre os surdos.

O segundo artigo, escrito por Ariele Troiano Rodrigues, Vanessa Bertin, Leonardo George Victorio Vitor, Dirce Shizuko Fujisawa (2014), “Crianças Com e Sem Deficiência Auditiva: o Equilíbrio na Fase Escolar”, a pesquisa foi realizada de modo transversal, incluíram 12 crianças com surdez neurossensorial e ouvintes, na faixa etária de 09 a 12 anos, os critérios de exclusão foram quaisquer crianças que tivessem qualquer outro tipo de deficiência, como cegueira ou microcefalia, por exemplo.

Para o teste de equilíbrio dos participantes da pesquisa, foi utilizada a tabela de Escala de Equilíbrio Pediátrica (EEP), versão traduzida para o português por Ries et al. (2012). Essa escala é uma versão infantil da Escala de Equilíbrio de Berg (EEB), que procura avaliar o risco de queda de pessoas idosas. Na alternativa pediátrica, alguns tópicos foram reordenados em uma sequência funcional, e a duração para os apoios das posturas estáticas foram diminuídos.

A EEP considera o equilíbrio funcional (estático dinâmico) como fundado em 14 elementos da vida cotidiana de uma criança. Esses itens avaliam práticas funcionais que podem ser feitas de forma segura e independente por uma criança, em casa, na escola ou na rua. (FRANJOINE et al., 2003). Conjuntamente, foi empregado, para teste do equilíbrio das crianças, o Teste de Alcance, apresentado por Duncan et al. (1990).

No exercício de alcance, as crianças tiveram instruções de manterem-se inclinadas para frente, movimentando apenas os tornozelos até o limite, mantendo os pés no chão. Em sequência, foram orientadas a moverem-se para lateral

esquerda e, em seguida, para a lateral direita, o máximo que conseguissem, ficando por três segundos em cada posição. Os membros superiores da criança deviam se manter em flexão de ombro para o exercício de alcance anterior, e em abdução de ombro direito e esquerdo no lateral.

Os testes foram feitos individualmente, em salas de aula, e contavam com a ajuda de uma professora, caso fosse necessário a comunicação com as crianças surdas. Neles, foram utilizados materiais como: cronômetro, fita métrica, cadeira e step.

Na EEP, quando o teste de alcance foi feito com a criança descalça, o avaliador manteve-se perto da criança por precaução, e cada teste foi feito duas vezes, usando sempre a maior pontuação de deslocamento. Enquanto a pesquisa ia continuando, foram feitos dois momentos de pausa para a criança descansar, na metade dos itens da EEP e após o seu final, antes do teste de alcance, para que a criança não ficasse fadigada, porque isso geraria uma mudança de desempenho.

Com o estudo já finalizado, foi enviado para a escola um relato com o desempenho na EEP e no teste de alcance de cada indivíduo, e na ocorrência de déficits, optou-se por uma orientação com o fim de proporcionar o melhoramento do equilíbrio.

Os resultados da EEP apontaram uma execução melhor das crianças ouvintes em comparação com as surdas, as crianças com deficiência auditiva não conseguiram atingir nota máxima em três itens, que são ficar de pé sem apoio com um pé na frente do outro, de pé em uma perna só (unipedal) e alcançando com o braço estendido enquanto está de pé.

Mesmo que seja um estudo reduzido, as conclusões achadas no presente estudo revelaram as diferenças entre os dois grupos no que diz respeito ao equilíbrio corporal. As crianças ouvintes apresentaram melhores resultados que as crianças do grupo da surdez.

Podemos ressaltar que os dois testes foram ferramentas que proporcionaram a identificação de déficits de equilíbrio em crianças surdas, desta maneira, podendo ser utilizados na avaliação motora desse grupo. A simplicidade da aplicação e o breve tempo utilizado para a EEP e o teste de alcance tornou possível que ambos possam ser usados na área da saúde e educação, visto que viabilizam a avaliação do equilíbrio.

O terceiro artigo analisado aborda o tema da surdez na Educação Física, é um artigo de Luiz Gustavo Silva de Almeida e Fernando Gomes de Souza, "Educação Física no contexto escolar para alunos surdos", 2015. A pesquisa foi

realizada na Unidade Escolar de Araguaína- TO, a Unidade de Ensino é referência no atendimento de pessoas com grau de surdez ou cegueira.

A pesquisa de campo teve uma abordagem qualitativa, avaliou as aulas de Educação Física com os alunos surdos e investigou se era aplicado o uso da Língua Brasileira de Sinais no decorrer das aulas. Dois professores de Educação Física, (ouvintes) do sexo masculino, foram analisados, e participaram também três alunos surdos, um do sexo feminino e dois do sexo masculino, do ensino médio. O estudo se deu por meio de entrevistas com uso de questionários para os professores e para os alunos.

As informações recebidas através da pesquisa apontam para a dificuldade na comunicação entre surdos e professores. Os alunos participantes concordam que os professores têm de aperfeiçoar o conhecimento em LIBRAS, e os professores também disseram que não sabem o suficiente para ajudar os alunos, tendo, assim, que contar com a colaboração de um intérprete de LIBRAS para dar continuidade às aulas.

Na pesquisa ficou claro que os professores precisam buscar esse conhecimento para poderem ter êxito nas aulas com seus alunos, mas que mesmo com a lei, que entrou em vigor em 2005 Decreto nº 5.626/05, visando à inclusão dos alunos surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor, instrutor e tradutor/intérprete de LIBRAS, muitos professores não sabem ou têm pouco conhecimento sobre essa língua. Na pesquisa efetuada, os professores falam que mesmo estando até dois anos convivendo com alunos surdos, ainda precisam de intérpretes durante as aulas, porque não fizeram um curso mais aprofundado além do oferecido pela faculdade; além disso, são unânimes ao se colocarem a favor da inclusão e evidenciaram o respeito por parte dos alunos ouvintes.

Em conformidade com o que foi dito durante a pesquisa, os resultados mostraram a relevância do uso de LIBRAS na relação entre professor e aluno surdo e que essas barreiras podem ser rompidas com a disciplina de LIBRAS na faculdade, além do aprimoramento após o fim desse curso.

No artigo de Vinicius Fin, "A produção de conhecimento acerca da pessoa surda na Educação Física", 2014, nos aproximamos de uma solução quanto ao que fazer com o aluno surdo para a melhoria de seu equilíbrio e comunicação. A esfera que a Educação Física pode proporcionar para o início de mudanças de hábitos relativas à educação de surdos dentro da escola, o professor exerce um papel de suma importância e que deve ser tratado com máxima responsabilidade.

Os surdos, mesmo que separados do mundo sonoro, são habilmente capazes de integrarem-se ao movimento e à dança. Através da inclusão dos mesmos nos grupos de ouvintes, eles se sentem levados pelo ritmo geral, aprendendo a manifestarem-se e a diferenciar os ritmos, através da dança, convertendo a dança

em modo de comunicação que o possibilite sair de seu isolamento(Vinicius Fin apud Luiz,2001).

Como todas as pessoas, o surdo possui um ritmo próprio, isto é, um assunto significativo, pois a conquista do senso rítmico oferece vantagens também em termos da aquisição de padrões de movimentos mais coordenados, no estabelecimento do equilíbrio e desenvoltura na expressão corporal (Vinicius Fin apud LOPES, Araújo. 2001), foi apurado que as crianças tiveram uma melhora no equilíbrio, desenvolvimento psicomotor, rítmico, afetivo e social depois de feito um seguimento de aulas de sapateado.

Exercícios para equilíbrio na Educação Física escolar

Iniciamos nossos exercícios na quadra vazia ou em um local que comporte as crianças, faça alguns pedidos nas quais as crianças deverão realizar os movimentos para o desenvolvimento do equilíbrio, os professores podem usar de pique linha, onde as crianças e inclusive o pegador só poderá andar sobre as linhas da quadra, ou, andar sobre o banco sueco e finalizar com um salto de ginástica.

E conforme a evolução dos alunos as atividades podem ser alteradas e ter uma progressão para que sempre evoluam, e não se sintam frustradas por estarem em um nível a baixo ao dos colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, com as leituras de artigo e livros, pude perceber uma ligação entre o surdo e Educação Física. E para este vínculo ser mais estreito, o diálogo se torna necessário, pois determina a utilidade de uma comunicação apropriada e eficaz. Para isso, teríamos que ter um maior interesse por LIBRAS, procurando cursos intensivos para acontecer a comunicação apropriada nas aulas.

Analisando a variedade dos temas abordados, podemos cogitar que a surdez é um assunto tratado com profundidade, mas não é isso que acontece. A maioria dos estudos encontrados sobre o tema de equilíbrio e surdez são recentes, do ano 2000 em diante. Com apoio nesses conhecimentos, poderia ser definido um método de trabalho onde o professor pudesse integrar alunos ouvintes e surdos, e, ao mesmo tempo, aprimorar seu equilíbrio, com exercícios lúdicos, nos quais a criança aprenderia “sem perceber”.

Nas pesquisas de comparação, os surdos tiveram um desempenho pior que os ouvintes. Os déficits em alguns testes foram insignificantes, mas, no entanto, mostraram que os surdos precisam de um apoio para conseguirem realizar as tarefas, e, se essas habilidades forem sendo desenvolvidas ao longo do tempo, eles podem até se igualar aos ouvintes, sem perder de vista o fato de que isso requer paciência e empenho do professor de Educação Física, ainda mais na fase da pré-escola, que é onde as crianças mais aprendem e desenvolvem suas habilidades motoras.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. G e SAMELLI, A. G. **ESTUDO COMPARATIVO DO EQUILÍBRIO DE CRIANÇAS SURDAS E OUVINTES**. Rev GEFAC, volume11, páginas 85-91, 2009
- Borges. C. J. **Educação Física para o Pré-escolar**. 3ª edição, editora Sprint, 1991.
- Bueno. J. M. **Psicomotricidade teoria e pratica da escola á aquática**. Cortez editora, 2013.
- Crowe &Horak, 1988; Selz, Girardi, Konrad& Hughes,1996; Kaga, Shinjo, Jin &Takegoshi, 2008.
- DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia Humana Sistêmica e Segmentar**. 3ªed. São Paulo: Atheneu, 2007.
- Fin. V.A **produção de conhecimento acerca da pessoa surda na educação física**. UFRGS, 2014.
- (IBGE, 2010)**
- Kagaetal., 2008; Nandi&Luxon, 2008.
- Mor R, Taguchi KC, Figueiredo JFFR. **Vestibulometria e fonoaudiologia: como realizar e interpretar**. São Paulo: Lovise; 2001.
- Northern JL, Downs MP. **Audição em crianças**. 3º ed. São Paulo; Manole:1989. p. 25-54.
- RODRIGUES. A T; BERTIN. V.; VITOR. L. G. V.; FUJISAWA D. S. **Crianças Com e Sem Deficiência Auditiva: o Equilíbrio na Fase Escolar**, Rev. BRAS. Ed. Especial, Marília, v. 20, n. 2, p. 169-178, Abr.-Jun. 2014
- RINALDI, Giuseppe. Secretaria de Educação Especial. Deficiência auditiva. Brasília: SEESP, 1997.